

João Arroyo - Proprietário, Editor
Ferreira da Silva
 Redacção, administração,
 composição e impressão
Rua de Alportel, 23 a 27
 SEMANARIO INDEPENDENTE
 NUMERO AVULSO 30 CENTAVOS

O ALGARVE

SILVA NOGUEIRA
 Fotografista da "élite" e de artistas
 141—Rua da Escola Politécnica—141
 Fotografia Brazil

CARTA DE LISBOA

João Arroyo. Este nome evoca sempre no meu espirito duas épocas bem diversas e distantes da minha vida—a de estudante em Coimbra e de jornalista em Lisboa. João Arroyo era para todos os estudantes de Coimbra, em 1881, um estudante cheio de gloria e de prestigio. Não só porque era um dos estudantes mais distintos da faculdade de direito, mas porque era tambem o creador do orfeon academico, que, por ocasião das festas camoneanas daquela cidade, tão grande successo obteve cantando no Pateo da Universidade.

Eu pertenci a esse orfeon, como segundo tenor, ao lado desse grande actor, que era Ferreira da Silva, admiravel artista que a morte levou bem cedo.

Que paciencia ele tinha para nos atirar e que meticulosidade de punha no ensaio da grande massa coral! Mas a mocidade irreverente nem sempre se moldava ás suas repetidas recommendações e então ele zangava-se, lançava-nos em rosto a nossa falta de atenção, a maneira como nós respondíamos ao seu esforço, a pouca consideração que dávamos ás suas recommendações. E os protestos reventavam de todos os lados. Todos em côro lhe affirmavamos o alto conceito em que tínhamos o seu trabalho e o seu merito. Por duas ou tres vezes ele atirou com a batuta e quiz deitar-nos, mas nessas occasões criticas aparecia o *Passaro*, um graciosissimo cultor das *Ordenações* e das *Pandeias*, a tolher-lhe o passo, a abraçalo por nós todos e a fazer um discurso cheio de cocegas, que triunfava sempre fazendo o rir e rendendo-lhe uma ovação de todos nós, que o adoravamos, e um transporte a hombros até ao meio do palco carunchoso do velho teatro Academico que era o nosso local de ensaio.

Essa figura de camarada glorioso ficou sempre no coração de todos os que a sua batuta de musico illustre dirigiu e ensinou. Quasi vinte anos passados, quando era na politica como fora na academia, uma altissima figura, passei a ve-lo e a ouvi-lo no orfeon politico onde ele, se não teve a batuta de regente, cantou a solo as mais belas árias com uma eloquencia inconfundivel feita de elegantissimas e certezas estocadas ou de pulverizadoras ironias alegres.

Dois anos de cronica parlamentar no «Seculo» e mais de um ano n'«A Folha», jornal da tarde que secretariel, deram-me occasião de admirar o seu grande talento de orador, destes raros oradores de cuja boca não sae uma palavra errada nem uma frase incorrecta. Lembrome ainda muito bem dos seus discursos visando o rei, de quem ele tivera razões de desgosto, e razões fortes.

Era ele par do reino numa camara onde troava já em ataques contra os governos para aungir o rei, a voz stentorica de Dantas Baracho. Tratava-se da recepção de um dos ultimos ministros de Hintze Ribeiro e João Arroyo, numa oração brilhantissima de ataque, feito de sangrentas ironias, dizia: «Ministerio, não ha! Agora temos a sublime Porta».

Hintze, sentado no seu banco, tinha uma attitud serena, mas no seu rosto, que parecia a mascara da propria gravidade, divisava-se uma sombra de magua intensa, por ver o seu antigo companheiro de mil combates a esgimir contra ele. E nas suas respostas a essas saraivadas de chicoteantes ironias, onde não só o rei, mas até a propria rainha, o marquês de Soveral e outros eram impiedosamente atingidos, ele, na alta correção do seu discurso de resposta, punha todo o empenho em mostrar que não tinha ouvido, referindo-se apenas ao que julgava digno da resposta de um presidente do conselho de ministros.

«Ministerio, não ha! Agora temos a sublime Porta».

Hintze, sentado no seu banco, tinha uma attitud serena, mas no seu rosto, que parecia a mascara da propria gravidade, divisava-se uma sombra de magua intensa, por ver o seu antigo companheiro de mil combates a esgimir contra ele. E nas suas respostas a essas saraivadas de chicoteantes ironias, onde não só o rei, mas até a propria rainha, o marquês de Soveral e outros eram impiedosamente atingidos, ele, na alta correção do seu discurso de resposta, punha todo o empenho em mostrar que não tinha ouvido, referindo-se apenas ao que julgava digno da resposta de um presidente do conselho de ministros.

É vulgar nesta terra, onde os odios, os rancôres, as vinganças mesquinhas, as lisonjas tudo costumam estropiar, dizer dos mortos o contrario do que em vida se lhes atribuiu, mostrando uma persistencia no odio e na calunia, que só desarma, como a negativa de certos assassinos, em frente dos cadáveres.

Nunca tive esse habito. Esta balda de tanta gente da nossa terra me recordam as palavras do *Diario de Lisboa*, não por que ele tivesse dito de João Arroyo, noutros tempos, qualquer coisa de mau, como disseram tantos outros, mas porque pôe em destaque o facto de ele não ter ingressado na Republica, «ocupando talvez um logar de relevo.» Ora, essa abstenção foi apenas uma manifestação da sua dignidade e uma alta compreensão da politica e dos homens.

Ele incompatibilisou-se, com muita razão, com D. Carlos, incompatibilisou-se com D. Amélia, e, quasi se pode dizer, com a monarquia.

Do campo republicano recebera deshonrosos ataques, as mais sangrentas referencias. Como podia ele pleitear a causa de uma monarquia, que os seus discursos haviam ajudado a desacreditar, a derrubar, ou pôr-se ao lado daqueles, que sempre o tinham atacado sem nunca se importarem da escolha das armas?

Podia um homem de mediana dignidade bandear-se, assim, dando o braço áqueles que o haviam infamado?

João Arroyo não era desses. E o silencio e o recolhimento a que se acolheu significavam, com certeza, que o seu alto espirito julgava desnecessario combater por uma monarquia que os que se diziam seus adeptos haviam deixado falecer sem assistencia, ou deshonroso aderir a uma Republica que surgia trazendo, nas pontas das suas lanças, farrapos sujos da sua reputação politica.

Sobre tudo isto, devia ainda causar-lhe nojo ter de enfileirar na onda de monarchicos que, ainda hontem, para não perderem o seu talher na meza da monarquia, tratavam os republicanos com vigor ou com desprezo, mas que hoje, proclamada a Republica, se apressavam a prestar a homenagem da sua submissão e respeito aos novos senhores da casa de jantar, para não deixarem passar a outros os respectivos talheres.

Não lhe restava, pois, para não ferir a sua consciencia, para não rebaixar a sua dignidade, senão a situação que manteve—fôra das conspirações e propagandas monarchicas e fôra das adesões, das conversões e do ambiente republicano.

E, assim fôra da politica, foi a musica que occupou a sua actividade mental desabrochando nessa lindissima partitura do *Amor de Perdição*, que é um verdadeiro mimo e nessa outra de *Leonor Teles*, que algum empenzario bem portuguez um dia ha-de pôr em scena, como homenagem aos musicos de Portugal e a memoria de um dos maiores talentos desta linda terra portugueza.

O acto colonial. Esta lei de necessidade urgentissima tem dado logar a muita retorica e a muita chicaneria, onde, é claro, se veem os intuitos de politica reles, destinados apenas a denegrir a iniciativa do sr. dr. Oliveira Salazar. No congresso colonial, foi a nova lei fundamente discutida, tendo a maioria dos seus opositores concordado em que ella era de urgente necessidade, o que justifica a acção do sr. dr. Oliveira Salazar, tendente a salvaguardar os interesses do paiz, que corriam grave risco, além da perspectiva de varias complicações internacionaes.

Prisões removíveis

Nos diplomas regulamentares de interesses economico-sociaes, que a liberdade das instituições republicanas tem feito aparecer, já como iniciativas do poder dimanado do povo, já como providencias de caracter dictatorial, aparece esta sanção ás disposições jurídicas dos interesses protegidos pelo Estado.

Na tradição constitucional e legal da divisão dos poderes, os regulamentos são sempre da atribuição executiva e visam a dar pronta e facil applicação ás leis existentes.

A criação anomala de uma pena removel não se acomoda com a ordem publica, e por mais que os juizes queiram dar-lhe o caracter de singularidade que o tempo e a situação oferecem, a sua consciencia fica ferida e o seu officio em contradição consigo mesmo.

Imposta a pena de prisão, esta hade cumprir-se e mal é que a chamada lei de caça, ofereça a remissão á escolha do condenado, ou o codigo de estradas a este prive do direito de escolha.

Em meu entender, a pena de prisão não deveria nunca ser adoptada para os contraventores aos regulamentos.

Imposta a multa pelas autoridades policiaes, a recusa no pagamento leva os contraventores a responder em juizo.

Como se entenderia a remissão de qualquer das penas?

A remissão é, pois, um erro, que aos poderes publicos cumpre remediar. Se a multa poder ser paga, e o contraventor assim evitar a prisão, ou diminuir os dias em que foi convertida, o caracter desta pena mantem-se tal como foi ditada.

Não succede o mesmo com a pena de prisão, que nunca poderá ser removel. O criterio legal e a natureza das penas e da sua execução, está prejudicada pela criação anomala de uma remissão, que não tem existencia racional, e que, alterada pela facultade de substituição ou não substituição das penas coarcta a applicação das mesmas nas face da culpabilidade e condicionalidade dos factos incriminados e julgados.

V. de Sampaio

Necrologia

Faleceu em Lagoa o farmaceutico e proprietario sr. Carlos Judice Samora Pimentel.

No funeral, que foi dirigido pelos srs. Antonio Trindade Martins e Artur Carneiro, incorporam-se muitas pessoas de todas as classes sociaes.

Em Isla Cristina, Espanha, faleceu há dias a sr.ª D. Joaquina L. Mora, viuva que foi do armador daquela ilha, sr. José Custodio Columé.

A falecida, que contava 85 anos de idade, era mãe do nosso amigo sr. João Custodio L. Mora, que durante muitos anos dirigiu a agenciaria em Loulé, da companhia dos tabacos de Portugal.

Aquele sr. e restante familia enviamos os nossos pezames.

A burla dos seguros de vida

O Tribunal da Relação concedeu provimento ao recurso do Ministerio Publico mandando que fosse arbitrada a fiança de 500 contos a Miguel Neves, envolvido na burla dos seguros de vida e negou provimento ao recurso interposto por este.

A fiança, que primitivamente havia sido de 500 contos, tinha, na pronuncia definitiva, passado a ser de 300.

Banco de Portugal

De harmonia com os desejos do sr. ministro das Finanças, o Banco de Portugal resolveu baixar de meio por cento a sua taxa de desconto, a contar do dia 2 do proximo mez de Junho.

Theatros e Cinemas

A Companhia Chaby Pinheiro no Cine-Teatro

É na proxima quinta feira, 29 do corrente, que no Cine Teatro se estreia a companhia do grande actor Chaby Pinheiro, da qual fazem parte Jesuina de Chaby, Emilia Fernandes, Julia de Assumpção, Maria de Oliveira, Rosina Rego, Alice de Sousa, Olimpia Pereira, Mantel Bossa, Telmo de Sousa, Francisco Ribeiro, Abilio Baifsta, João Gaspar, Eduardo Matos e Artur Silva, todos artistas dos theatros da capital.

A companhia estreia-se com a engraçadissima comedia *O Nosso Homem* e na sexta feira representará a celebre peça *Boa Gente*.

Desnecessario se torna encarecer o valor destes espectaculos, pois o nome de Chaby Pinheiro é uma solida garantia de que o publico da nossa cidade vae passar duas noites da mais requintada arte, em que o grande mestre da scena portugueza fará brilhar o seu inconfundivel talento.

Cine-Teatro

No programa de hoje figura a celebre produção, *Ri, Paltuço, Ri!*, magistral trabalho do celebre Lon Chaney, o homem das mil caras.

Na quarta-feira um sensacional espectáculo com a superprodução *O Homem da Manivela*, em que o famoso comico Buster Keaton (Pampolinas) tem uma verdadeira corôa de gloria. Este filme tem causado em todo o mundo um retumbante successo.

Barco afundado

Nas costas de Marrocos e alturas do Cabo das Tres Forcas, incendiou-se, afundando-se, o barco *Maria Adelia*, de 50 toneladas.

O barco vinha com um carregamento completo de esparto, consignado a esta praça e pertencia aos srs. Barros, da Rosa, Limitada, desta cidade. A tripulação salvou-se.

Ha 44 anos

"O DISTRICTO DE FARO"

De 20 de Maio de 1886

Desembarcaram na segunda-feira, no caes desta cidade, a caldeira e outras peças para a locomotiva da nossa linha ferrea.

A companhia dos bombeiros voluntarios de Faro tencionam realizar no sabado um exercicio geral, na Horta do Colegio, desta cidade.

Afim de ser pintada e convenientemente beneficiada, parte brevemente para Lisboa a cahoneira *Rio Guadiana*, do comando do sr. 1.º tenente Antonio Gonçalves Pinto Junior, até agora em serviço na costa do Algarve.

F. V. M. Costa Real

Medico cirurgião
 Clinica geral e dentaria
 Consultorio: P. D. Francisco Gomes, 15
 Residencia: Rua de Portugal

Emblemas

Da Liga N. D. dos Animais vende o socio correspondente Emilio Fernandes Moita, Rua do Alportel 23—Faro.

RAPAZ

Precisa-se de 14 a 16 anos, que saiba ler e escrever para ser-viço de escritório, que dê abonações.

Na Avenida 5 de Outubro n.º 16 se diz.

As armações do atum

Os arrendatarios dos locais para a pesca do atum na costa do Algarve, dirigiram ao sr. dr. Oliveira Salazar o seguinte requerimento:

Ex.º Sr. Ministro das Finanças

As companhias que, há dezannas de anos, exploram a pesca de atum na costa do Algarve, tornadas arrendatarias, por 15 annos, dos locais onde exercem a respectiva industria durante 4 mezes em cada anno para as armações de direito crevés e dois mezes apenas para as de direito (decreto n.º 9063 de 11 de agosto de 1923) arrendamento que foi feito sobre determinadas obrigações e garantias, entre as quais figura a prohibição da pesca por meio de cercos americanos e semelhantes na zona de resguardo (artigo 76 do citado decreto) veem, confiando no alto espirito juridico e justiceiro de V. Ex.ª, expôr o seguinte:

Há annos, iniciou-se a exploração da pesca da sardinha por meio de artes moveis que vieram substituir as antigas armações fixas que, por esse facto, quasi deixaram de existir, exploração que foi feita, colheendo os seus proprietarios as garantias que as armações de atum usufruíam como medida julgada indispensavel, pelos altos poderes do Estado, para o proficuo resultado desta industria, tão antiga como as mais antigas de Portugal e que pelo muito que tem contribuido e contribue para o aumento da riqueza publica, muito tambem deve merecer dos Governos da nação.

Acontece, porém, que a pesca da sardinha tem diminuido duma maneira assustadora, tanto na costa do Algarve como em quasi todas as costas de Portugal, o que segundo a opinião duma das maiores, talvez maior autoridade mundial, em assuntos de biologia maritima, se deve á maneira intensiva como a referida pesca se tem exercido e se está exercendo e dahi os constantes pedidos e representações que há annos veem sendo apresentados ao governo, pintando com as mais negras cores os quadros de miséria e de dôr, que a classe piscatoria da sardinha atravessa, como se essa miséria não invadisse outras classes de trabalhadores e pescadores que, dias seguidos, em que o mar lhes não dá o que neles procuram, se veem sem qualquer migalha de pão com que possam mitigar a fome dos entes queridos.

E foi fundamentando-se nestes quadros de miséria, que a comissão de defesa dos interesses de Olhão apresentou, já depois de as armações de atum estarem lançadas no mar e ao abrigo das garantias que a lei lhes confere a Sua Ex.ª o Ministro da Marinha, como medida capaz de pôr termo a tão grave crise que, como dizem os peticionarios, atravessa o concelho de Olhão, uma representação em que pede a supressão, por este anno e a título de experiencia, das zonas de resguardo concedidas ás armações de atum, como se a pratica e os estudos feitos sobre esta industria não tivessem já demonstrado, sem sombra de duvida, quanto prejudicial é para a referida industria a execução da pesca dos cercos junto dos locais das armações, e procurando assim levar o governo, com os seus queixumes e argumentos infundados, a alterar um contrato que, se por um lado nos obriga a certos direitos e garantias á sombra das quais se tem contribuido para o aumento da riqueza publica, quer sob a forma de impostos (impostos de pescada, applicação de capitães e taxa progressiva) quer fazendo drenar para o paiz grandes quantidades de oiro, resultantes da transformação dos produtos da sua exploração, por outro lado nos obriga a certos deveres sob pena das

mais pesadas penalidades.

A comissão de Olhão, ao apresentar a Sua Ex.ª o Ministro da Marinha a representação a que atraz aludimos, lembrando-se unicamente do seu concello, esqueceu-se de que, se por um lado o deferimento das suas pretensões muito os poderia beneficiar, o que para nós não passa de mera hipótese, visto que a crise é proveniente da falta de sardinha e não por qualquer outra causa, por outro lado tal deferimento viria certamente agravar, senão aniquilar, a pesca de atum, lançando na irremediavel miséria centenas de familias, cuja situação já de si angustiosa pela tremenda crise em que se debateram todo o inverno por falta de trabalho e de pesca, mais afflictiva se tornaria ainda com a redução de proventos motivada pela escassez de pesca que certamente se dará, porquanto todos os pescadores, além do seu salario, estão directamente interessados em compartilhar assim da sua boa ou má fortuna.

Ex.º Sr. Ministro das Finanças.

Tratando-se de pescas maritimas, permita-nos V. Ex.ª que recordemos o principio fundamental que regula a sua exploração, transcrevendo parte do relatório que acompanhou a proposta de lei que, em 5 de Abril de 1922, foi apresentada á Camara dos Deputados pelo então titular da pasta da Marinha e illustre official da nossa Marinha de Guerra, sr. Victor Hugo de Azevedo Coutinho. «E' o que está consignado no artigo 330 do Código Civil que define o que são coisas publicas, incluindo nestas as aguas salgadas das costas, enseadas, etc. e afirma ser a sua utilização licita a todos, individual ou colectivamente, com as restrições impostas pela lei ou pelos regulamentos administrativos.

E' este o principio chamado de liberdade de pesca. Sim: a pesca nas aguas maritimas de Portugal é livre para todos os cidadãos portuguezes e só para eles, que estiverem no legitimo gozo dos seus direitos. Mas essa liberdade não quer dizer que os portuguezes, que se applicam á industria da pesca, possam realizar, por todos os meios, em todos os locais e em todas as épocas que lhes apeterem. Não: a applicação da sua actividade está sujeita ás restrições impostas pelas leis e pelos regulamentos administrativos. Estas restrições não são violencias nem abusos de autoridade; são apenas a maneira de tornar possivel e util a todos tão importante exploração, sem que uns aos outros se prejudiquem e sem que a materia exploravel se destrua inconsideradamente ou se exgote.

Não é, porém, raro ouvir-se dizer que o mar é de todos e que portanto cada um pode pescar no mar, como e onde muito bem entender.

Da mesma maneira, sendo averiguado que certas artes de pesca, pela diversidade dos seus processos, aliás legitimos, não podem pescar ao mesmo tempo na mesma região, é frequente ouvir-se clamar que as restrições administrativas a tal respeito são uma offensa á liberdade de pesca.

É claro que estes clamores são apenas a exteriorização dos interesses em conflito; á administração publica incumbe a conciliação desses diversos interesses, que, sem predomínios de nenhum, por forma que todos possam obter o que equitativamente lhes pertence, mas só isso».

Foram, pois, certamente estas as razões, além doutras que seria fastidioso enumerar e ainda os argumentos e razões de ordem técnica resultantes do profundo

e aturado estudo na costa do Algarve, em que se fundamentaram as comissões compostas dos mais distintos e ilustres oficiais da nossa marinha de guerra, que na elaboração cooperaram, que levaram o Governador a publicar o decreto n.º 2063, de 11 de Agosto de 1923, pelo qual foi regulamentado o exercício da pesca de atum com armadilhas fixas na costa de Portugal, regulamento a sonora do qual, tanto em anos anteriores como no corrente ano, as empresas de pesca tem exercido a sua industria e matriculado o seu pessoal nas capitania dos portos.

Foi a sombra deste decreto que nas Capitania dos Portos foram lavrados os termos de concessão dos locais para lançamento das armadilhas de atum, não sendo justo nem humano, pois tal facto representaria uma flagrante iniquidade, que estamos certos o Governo da Republica não cometerá, que depois de contratos lavrados e assinados, e gastas algumas centenas de contos para a laboração desta tão importante industria, o Governo, não tendo em consideração o que nas leis e regulamentos se acha estabelecido, os viesse alterar, porque num concessão há miséria, como se miséria só nesse houvesse.

Ex.º Sr. Ministro das Finanças.—Tratando-se dum problema tão momentoso e de tamanha gravidade como o assunto em litigio e que interessa, não só a economia dos concessões como a economia do país, pois que, como não é do desconhecimento de V. Ex.ª, enquanto as empresas de pesca de atum, não contando com o imposto de pescado que é pago igualmente por ambas as industrias de pesca (atum e sardinha), tem pago de taxa progressiva e imposto sobre applicação de capitais centenas de contos, nos ultimos tres anos, os cercos americanos nada tem pago ao Estado e relativamente a estes impostos, desculpará V. Ex.ª que roubemos um tempo tão precioso quando V. Ex.ª se encontra tão assoberbado com tão graves e importantes problemas respeitantes á economia nacional e tomemos a liberdade de chamar a esclarecida atenção de V. Ex.ª para as representações entregues a Sua Ex.ª o Ministro da Marinha, e solicitar a valiosa interferencia de V. Ex.ª, convictos como estamos das poderosas razões que nos assistem e confiando que atento o espirito de justiça que anima V. Ex.ª, justiça nos será feita, mantendo-se na integra as disposições contidas nos regulamentos em vigor para pesca do atum nem armadilhas fixas na costa de Portugal, e de harmonia com o qual as empresas signatárias veem exercendo a sua actividade, pelo que respeitosa-

P. D.

Tavira, 10 de Maio de 1930.

Pela Companhia de Pescarias do Algarve

(a) João José da Silva Ferreira Netto

(a) Francisco Antonio H. de Sousa Vaz

Pela Companhia de Pescarias de Souselo no Algarve

(a) Jaime Pires Cansado

Carta de Lisboa

continuação da 1.ª pagina

obra, que, fóra do actual regimen, seria difficil e lenta.

Ben haja.

Imprensa republicana. Reappareceu *A Republica*, o jornal do sr. Ribeiro de Carvalho. Não podemos dizer que esta reaparição constituisse um successo. Na parte politica era difficil conseguilo e na parte grafica o jornal tem um pessimo aspecto. O *Diario Popular*, no seu primeiro numero, teve um exito completo, porque foi muito superior. Diz-se que vae reaparecer, mas eu duvido. Continuará a ser um sorvedoiro de dinheiro e de energias, sem conseguir efeitos politicos correspondentes.

A Republica publica-se á tarde, o que é signal de pouca vitalidade, visto que o publico é muito restricto para os jornais da tarde e da noite. Succederá á *Republica* o mesmo que ao *Diario Popular*, ainda que ela consiga dar todos os dias artigos laudatorios dos maiores vultos do partido democratico. Os correligionarios comprarão o *Diario de Lisboa* e no dia seguinte de manhã o *Seculo* ou o *Noticias*. Duvidam? Pois, vamos a ver...

Por Angola. Encontrei-me hontem á meza dum café com uma testemunha dos successos de Angola.

Disse-me que o sucedido era fatal, dado o caracter do promotor desses successos. Disse-me que a resolução de não mandar tropas a Angola tinha sido uma medida de altissimo senso, pois que, se tal tivesse sucedido, e essas tropas tomassem a attitudie intencionada por aqueles, que as requisitaram, o conflicto seria catastrofico. Como se vê, triunfou o bom criterio, apesar das diligencias feitas em contrario por um ex-padre. Só ha que felicitar o sr. Ministro das Colonias, que mais uma vez salvou o país de uma grande vergonha, como seria a de uma guerra civil em Angola.

Os Counhagos. A hora em que este numero de *O Algarve* saír da maquina, devem estar pronunciados, por quebra fraudulenta, os socios da firma Coelhos & Counhagos, os banqueiros a que me referi na minha carta da semana passada. Os credores, em vista das tranquillidades descobertas, pediram hontem ao tribunal do commercio esse acto decisivo e que ele deve deferir, a não ser que para isso não tenha competencia, visto o domicilio da firma ser no Porto.

Faliu tambem a casa bancaria Dias, Costa & Costa, ali do Chiado, o que já era esperado ha mais de trez mezes. A casa fechou no sabado e, na segunda feira desta semana, um homem, com aspecto de provinciano, procurava no Chiado uma casa

Pela Companhia de Pescarias Barilho ou Trez Irmãos

(a) Joaquim Rosado Pudinha

(a) Jorge Filipe Coelho Ribeiro

Pela Companhia de Pescarias do Cabo de Santa Maria, Ramalhete e Ferto

(a) João Alexandre da Fonseca

(a) Manuel Vilhena Melo de Sampaio

bancaria que ali existia. Indicar-lhe aquella que era a unica da rua, mas disseram-lhe que estava fechada por ter falido. O homem ficou muito surprehendido e mostrou então um cheque de 90 contos que vinha cobrar.

A boas horas...

Dr. José Filipe Alvares. Tive o prazer de cumprimentar hontem este amigo, que se acha em Lisboa. O dr. Alvares é para mim uma pessoa da maior consideração, pela forma como exerce a sua profissão de medico e pela maneira como procura estar ao corrente dos progressos da respectiva sciencia.

O mais curioso é que, durante muito tempo, o dr. José Filipe Alvares, aqui o confesso e ele o sabe, não me foi simpatico, mas porque eu só o apreciava pelo lado politico.

Assanhado republicano, monarquico depois, não sei se integralista actualmente, este camellionismo politico era para mim verdadeiramente antipatico. Mas a sua vida de trabalho honesto, a sua constante filantropia e desinteresse pelos doentes pobres, a dedicação pela sua familia venceram em mim todas as preocupações de politica e conquistaram, não só a minha simpatia, mas a minha decidida amizade, tanto mais sincera quanto é certo não ter por fundamento qualquer favor ou interesse.

Meu companheiro de pensão durante algum tempo, teve occasião de explicar-me a sua psicologia-politica que é apenas resultado de uma aspiração de significação patriótica, vista, por vezes, atravez de meios um pouco utopicos que estão em contradicção com o positivismo da sua educação scientifica.

«O vinho é sangue de Cristo». Num banquete havido numa das nossas provincias ultramarinas e a que assistiu um principe, um dos creados, ao encher a uma das convivas o seu copo de saporoso e aromatico vinho tinto de Colares ramisco, que ela apreciava imenso, deixou cair um pouco do precioso nectár na toalha. A grande dama teve rapidamente um gesto, que ficou memoravel, pela sua rara elegancia e perfume religioso: pegou num molinho de pão, e, molhando-o no vinho, que caíra na toalha, fez na testa austera do marido, submisso e bom, uma cruz, enquanto dizia estas palavras: «O vinho é sangue de Cristo».

Foi um successo...

COMARCA DE FARO

No dia 1 do proximo mês de junho, pelas 13 horas, á porta do Tribunal Judicial desta Comarca, se ha-de pôr em terceira praça sem valôr e arrematar a quem maior lance oferecer, um barco de pesca denominado «Veleta», de que era patrão o subdito hespanhol Manuel Dias Perez, apreendido pela Canhoneira «Limpopo», sito na doca desta cidade, avaliado em trezentos e vinte escudos (Esc: 320\$00) e que vai á praça sem valôr. Este barco é vendido na execução que o Ministerio Publico move contra aquele executado.

O Escrivão do 3.º officio
Bernardo José Ferreira
Verifiquei: O Juiz de Direito,
Francisco Carlos Soares

minho de cara... concluia a velha envaidecida. O seu Manuel ia bem. Bom rapaz, trabalhador, sem vicios, sargento reformado, tambem era um bom partido...

O desejo de o conhecer aguilhou a rapariga. Interessada, procurou-os por entre a multidão enlaçada. Levantou-se e pôs-se de pé no fundo da cadeira. Descortinou-os, por fim. Passaram rápidos. Délia teve a impressão de que ela era bonita. A iluminação insufficiente não permitia análises. Entretanto, dava razão á sr.ª Joaquina. Era esbelta. Desceu do mirante improvisado. Os seus nervos, sempre agueridos, entrechocaram-se. Uma onda desconhecida subia dentro d'ella. Pediu á velha que fôsse chamar o filho. Instantes volvidos, estava o rapaz na sua frente. Ela, um pouco confusa, manifestou o desejo de dansar com ele. Manuel que- do surpreso. E, perante os olhares atónitos de D. Luísa, deixou-se enlaçar por aqueles braços musculozos, que se lhe ofereciam, e sumiu-se no turbilhão.

A mãe, estupefacta, não tivera tempo de soltar uma palavra. Cheia de surprehensa, constatou que a roda dançante se desfazia aos poucos, tornando-se menos com-

MUNDANISMO

SILENCIO

Sufoca e entonetece no grande claustro em ruínas O ruído, a agitação despedaçam-se de encontro aos seus muros enegrecidos e meio derrocados, onde pastejam ervas parasitas que a Primavera floriu. O sol farto, que o inunda, torna o ambiente pesado e morno, embora os ligeados nos entorpeça de frio.

A brisa, que continuamente prepassa pelos gretados das abobadas, é tão leve, tão subtil, que recorda o ciciamento de rezas, como se fóra um eco entristecido vindo do além. Pelos tijolos carcomidos parece esvoaçar, num rumor vago, impreciso, as sandálias das freiras a caminho do Templo.

A fonte no meio do claustro, embora seca, geme saudades pelo gorgolar manso das suas águas cristalinas. Tudo em volta parece morrer num desfalecimento agonico e brando.

Por entre as arcarias vão passando, num interminável desfile, vultos brancos amortalhados em burel frigidó. São foragidas dos sepulchros que veem, numa evocação dolorosa, beber na claridade forte a vida de antanho. Os seus rostos, vistos á luz dourada do sol, assemelham-se a máimas lividas que a sombra sepulchral não conseguiu esbater a patina que o sofrimento deixou impresso.

Os seus lábios descolorados e cerrados não deixam passar o mais leve gemido que as suas almas guardam através dos séculos. E o grande desfile continúa lento, muito lento, num silencio que confrange, que enloucece e que mata.

Lisboa, Maio, 1930.

Thiago

Fazem anos

Em 26—Dr. Filipe Baião e José dos Reis Queiroz.

Em 27—Melle. Maria da Soledade Inglez co O Ramos.

Em 30—D. Florinda Dias Uva.

Em 31—Manoel de Souza Euzébio.

Em 1 de Junho—D. Clotilde Fonseca Romero dos Reis e dr. Manoel Bairrão.

Partidas e chegadas

Partiram para França, Belgica e Inglaterra, para tratar dos seus negocios, os srs. Samuel Amram e Samuel Sequerra.

Regressou de Lisboa o sr. dr. José Filipe Alvares.

Tambem regressou a semana passada de Lisboa o sr. dr. Manuel Rocheta.

Foi á capital o sr. João Lã Junior.

Doantes

Continua inspirando cuidados o estado de saúde do nosso presado amigo sr. Bernardo de Passos, por cujas melhoras fazemos os mais ardentes votos.

Madeiras

Vendem-se as que compunham a Praça de Touros, em qualquer quantidade. Ha vigamento e barrotes de eucalipto e pinho desde 1 a 11 metros de comprimento; taboas de pinho eucalipto de varias dimensões; taboado e forro ripado. Dirigirem-se á fabrica de cortiça Francisco Martins Caiado & C.ª Lda. Estrada de Loulé, á entrada da cidade. 132

Agradecimento

Alfredo de Jesus, Filomena de Jesus, Alfredo de Jesus Junior, Maria de Jesus, Angelina de Jesus, João de Jesus e Manuel de Jesus, veem por este meio, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar á sua ultima morada o seu chorado filho e irmão Joaquim de Jesus.

Casas

Alugam-se 3 e um armazem na estrada de S. Braz, frente á fabrica de cortiça do sr. Sancho. Trata-se Largo de S. Pedro, 44-1.º—Faro.

PELA PROVINCIA

VILA REAL

Causou aqui dolorosa impressão a noticia, que veio a publico nos ultimos dias, dizendo terem-se afundado na costa de Olhão, dois barcos de pesca da sacada perecendo todos os tripulantes que eram em numero de quatorze.

Acompanhando a dôr pungente que atingiu as familias dos naufragos, pela perda irreparavel dos seus entes queridos, do coração lhes enviamos as nossas condolencias.

Faleceu em Lisboa, onde já ser submetido a uma operação cirurgica, o sr. Antonio Campinas, pai do nosso amigo Antonio Vicente Campinas. A seu filho e demais familia enlutada os nossos sentidos peza-

—Apraz-nos registar o crescente entusiasmo que vai por todo o Algarve pelas festas a realizar de 24 a 30 de Junho proximo e cujo fim altruista é levantar bem alto o nome dum das mais lindas regiões portuquezas, tornando-a conhecida, mostrando aos visitantes os seus mais belos recantos, as suas termas, as suas praias arenosas onde ha sol a jorros e sobretudo o seu excelente clima que é dos melhores do mundo.

O «bureau» de informações ficará instalado numa das salas da Camara Municipal e será constituído pelos srs. dr. Alonso Vasques, Carlos Medeiros e Conrado Wisseman.

Além das provas automobilistas e outras que já annunciámos, disputar-se-ha tambem uma regata de barcos de vela de Lisboa a Vila Real de Santo Antonio, prova que está despertando muito interesse, já pela distancia a percorrer, já porque participam nela alguns concorrentes de Lisboa experimentados em corridas desta natureza, sendo organizada pelo distinto desportista sr. Pedro Villar.

Durante as noites de festa, o recinto onde estas se realisarão será profusamente iluminado, havendo arraial e balles populares.

Por fim... as brilhantes Festas Desportivas do Algarve serão fechadas a chave de ouro num baile elegante que se realisará no sumptuoso salão de conferencias da Escola de Pesca, de Vila Real de Santo An-

tonio. —O Teatro Alexandre Herculano apresenta no proximo domingo, um espectáculo composto pelos filmes: Amor e Nobreza, da Paramount, em que Adolphe Menjou põe á prova os seus dotes de galã caricato, e Az de Trunfo, um filme francês que tem como principal interprete—entre outros—o grande actor francês, René Navarre.

No Parque de S. José, estreia-se no mesmo dia a sensacional produção da U. F. A. Nos Confins do Mundo, retumbante criação da escultural actriz alemã, Brigitte Helm, que neste film desempenha o principal papel, secundada pelo sedutor galã, Jean Brandin. Completa este espectáculo o magnifico drama de aventuras maritimas em 5 partes, Vigiando a Costa, tendo como protagonistas o actor Heneth Mac Donald e Caire Lorez.

LOULÉ, 21

Foram demittidos de vereadores da Camara Municipal os cidadãos Bartolomeu Rodrigues Marques e Antonio Luiz Ramos e nomeados, em sua substituição, os cidadãos Manoel Viegas, de Querença, e Antonio Angelino, da vila. E' o ultimo acto da peça burlesca que tem vindo a desenrolar-se no palco da politica louletana, se nos é dado usar este termo, nestes tempos anti-politicos...

—No proximo domingo haverá, no Cine-Teatro, outra matiné, dedicada ás creanças das escolas. Os espectaculos, no referido cine, tem sido interessantes, sendo os das quintas-feiras abrilhantados pelo distinto violinista Juan Calle, acompanhado a piano pelo sr. dr. Reas Pinto.

—Nas proximas 3.ª e 4.ª feira, realisam-se os espectaculos do illustre artista Chabi Pinheiro, com as peças *O nosso homem* e *Boa gente*.

—Para festejar o seu aniversario tocou, na passada quarta feira, no coreto da avenida J. C. Mealha, a filarmónica Artistas de Minerva. Fêz ouvir um repertorio escolhido, que agradou.

—Está annunciada para o proximo domingo a arrematação dos impostos municipaes.

—Nos ultimos dias tem-se dado uma larga autorisação de saída de ceifeiros para Espanha.

AUTO-LISBOA

Officina de Reparações

CABEÇADAS & SANTOS L. DA

Avisam os interessados que, a partir desta data, os serviços tecnicos da sua officina de reparações de automoveis e motores, sita á Rua de S. Luiz, em Faro, ficarão a cargo do sr. **Luís Nunes Barbosa**, cuja reconhecida competencia e especialisação em motores, tanto electricos como de explosão, constituem a melhor garantia de perfeita execução dos trabalhos que lhe forem confiados.

Mais desejam salientar que os serviços de reparações em carrocerias, trabalho este de responsabilidade especial, continuam, como até aqui, a cargo do sr. **Alberto Lopes**, justamente considerado o melhor artista da especialidade de toda a provincia.

Faro, 15 de Maio de 1930.

O NINHO DO CÊRRO

Novela por THIAGO

Foi agora Manuel quem riu: —Desculpe o meu riso. Creia. O Marne é uma blague. Não se espante e oiça. As fleiras alemãs tinham sido enfraquecidas com a retirada de 500 mil soldados para o front russo. A rapidez do avanço alemão havia descurado a defesa. Os aliados resistiram e levaram de galgada, á sua frente, o exercito alemão. A vitória foi, assim, uma banalidade...

A rapariga ouvia o espantada. A verdade ressaltava. Via agora com nitidez. Por que razão haviam mentido?

—Mas, é assim, como dizia o capitão, que se escreve a historia... respondeu. D. Luísa alheara-se da conversa. A sr.ª Joaquina, essa, há muito que fazia sinais mímicos ao filho, que fingia não ver. E, não se podendo conter por mais tempo, interrogou:

—Antão, Manuel, não vais dançar com Isabel? Estas senhoras desculpam-te... O rapaz fez um trejeito vago, balbuciuou

umas palavras e levando a mão ao chapéu afastou-se. Délia teve a impressão do vacuo em sua volta. Aquela multidão entusiasmada enjoava-a. A tarde descaía morna. Os balões, presos nos arcos voltáticos, acendiam-se por entre pragas de um pobre homem encavalitado numa escada de mão, desconjuntada. Pelo largo, entrara de brillhar a luz encandeada dos gasometros, iluminando os taboleiros das vendedeiras de doçarias e quinquilharias. Grupos de homens ladeavam carroças carregadas com pipas de vinho. Subia no ar o pregão de água fresca. Um cheiro forte de sardinhas assadas empastava. A música desafinava mais. O grunhido confuso daquela massa de gente entontecia. Escurecera por completo.

Délia tinha desejo de conhecer Isabel. A sr.ª Joaquina prociava-a a melhor e a mais rica mulher daquelas redondezas. Era filha unica do casaleiro das Carvalhosas. Tinha um pal-

sombrear-lhe o rosto; e, passados instantes, ei-la no minúsculo jardim. A sr.ª Joaquina passava com uma bilha a caminho do poço.

—A menina hoje madrugou!... Bons-dias!...

—Bons-dias, sr.ª Joaquina. Admira-se da minha madrugada? retorquiu, rindo.

—Se lhe parece. Ao romper das 10 é que salta da cama... Olhe que pouco passa das 8... E, pondo uma das mãos sobre os olhos, a fazer de pala, olhou em volta. Vendo um vulto junto dos feijoeiros, gritou:

—O Tóino, antão quando te prantas a caminho? Ainda af estás, grande mandraçol...

—Está já pronto, respondeu uma voz sumida pela distancia. Antão despacha-te...

—Quem é, Interrogou Délia.

—É o mê filho mais novo. A menina não o conhece... fica quasi sempre em casa da Tia, lá p'rá Tomada...

—É verdade: o Manuel sempre vai tourear?

—Nan me fale nisso. Aquilo metendo-se uma ideia na cabeça nan há ninguem que o desconfenda... É mêmo um doido, respondeu a velha, seguindo o eaminho pelo o qual subiu um rapazoleimberbe, de olhos mor-

tiços, denunciadores de intelligência parca.

—Nan te esqueças. Dize á Tia que a espero cá amanhecin...

—Fique descansada, lá direi; voltou o rapaz, seguindo. Ao passar em frente de Délia, desbarretou-se, e olhou-a fixamente. A rapariga estremeceu ante aquele olhar imbecil, e só se refez quando o viu sumir-se por detrás do muro. Délia começou a apanha flores. Absorviam-na as últimas frases da sr.ª Joaquina. Realmente, a velhota tinha razão. Porém, o que ela desconhecía é que fóra Délia quem induzira Manuel a farpear um touro. Desde aquela noite do arraial, em que elle, a seu pedido, as havia acompanhado a casa, martelava-lhe no cérebro a ideia de o ver em perigo, pôr a sua vida em risco, só para se convencer da audácia que todos lhe impunavam. Tinha saudades dessa noite. O luar havia inundado com o seu livor melancolico as sinuosidades do caminho.

(Continúa)

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

SEDE EM LISBOA

Rua do Comercio

Capital: Esc. 50.000.000\$00

Reservas: Esc. 67.000.000\$00

Emissão de 564.811 4/9 acções
do valor nominal de Esc. 90\$00

De 26 a 31 do corrente, está aberta ao publico a subscrição, de 370.370 4/9 acções ao preço de Esc. 170\$00, as quais fazem parte da emissão que ora se realisa de 564.811 4/9 acções.

As restantes 194.441 acções estão subscriptas pelas Colonias e a sua adjudicação garantida nos termos da alinea b) do art.º 9.º do Decreto n. 17.154 de 26 Julho de 1929 e alinea b) da clausula 8.ª do Contracto de 3 de Agosto do mesmo ano.

As acções a emitir ficam, para todos os efeitos, equiparadas ás acções que actualmente existem, mas, tal como as 194.441 acções subscriptas pelas Colonias, foram por elas adquiridas em 1929 com direito a todo o dividendo do exercicio que estava correndo; ás restantes acções igual direito se reconhece agora com relação ao exercicio de 1930.

Nesta conformidade, no acto do pagamento das respectivas subscrições, encontrar-se-há, para o primeiro grupo de titulos, a importancia correspondente a sete doze avos (7/12) do dividendo distribuido relativamente ao ano de 1929 e ao segundo grupo, em cada acção subscripta pelos Srs. Ac. ionistas, será descontada a quantia de Esc. 9\$90 como pagamento do dividendo do primeiro semestre do exercicio corrente.

Aos actuais accionistas é, pelo § 1.º do art.º 13.º dos Estatutos do Banco, reconhecido direito preferencial de subscrição, para cujo exercicio terão de apresentar á carimbagem os titulos que, presentemente, possuem.

As acções serão nominativas ou de coupons á livre opção dos accionistas subscriptores.

As acções subscriptas pelas Colonias serão pagas nos termos da Lei e daquelas que os accionistas e o publico subscrevam serão pagas em duas prestações, a 1.ª de Esc. 45\$00 por acção, vencivel no proprio acto da subscrição, descontando-se nela, quando devida, a dita importancia de Esc. 9\$90, a 2.ª de Esc. 125\$00, exigivel em 30 de Junho de 1930, podendo esta ultima prestação ser paga, acrescida dos respectivos juros calculados á taxa do desconto do Banco de Portugal, em 5 mensalidades iguais e sucessivas de Esc. 25\$00 cada uma.

As subscrições são recebidas na Séde e Dependencias do Banco, no **Anglo Português Colonial & Overseas Bank Ltd**, em Londres e na **Banque Franco Portugaise d'Outremer**, em Paris.

Um grupo financeiro, constituído por elementos nacionais e estrangeiros, garante e toma firme a parte da emissão que os accionistas e o publico deixarem de subscrever.

Lisboa 24 de Maio de 1930

O GOVERNADOR

J. H. ULRICH

